

Campanha do presidente dá força a turismo

Ao divulgar ontem mais oito documentos com o balanço das ações do governo, o coordenador da campanha de Fernando Henrique, Carlos Américo Pacheco, aproveitou para prometer mais investimentos nos setores de turismo e cultura para gerar empregos. Só com o Programa de Desenvolvimento Integrado do Turismo no Nordeste (Prodetur), Pacheco calcula que 3,9 milhões de novos postos de trabalho serão criados até dezembro de 1999 — 1,7 milhão de empregos diretos e 2,2 milhões de indiretos. A previsão é investir R\$ 670 milhões.

A meta é seis vezes maior do que o que foi executado em três anos de Prodetur no governo Fernando Henrique. De 1995 para cá, o Prodetur foi responsável pela criação de 506 mil novos postos de trabalho. O detalhamento dos gastos só virá no programa de governo a ser anunciado em agosto. Por enquanto, a ordem é divulgar o que foi feito pelo Poder Executivo.

Foram divulgados, ainda, os textos relativos a mulheres, negros, índios, reforma agrária, política externa e reforma administrativa — dos quais Pacheco destacou, entre alguns pon-

tos, a demarcação de 30 milhões de hectares de terras indígenas.

Mas o presidente não conseguiu cumprir a promessa da campanha de 1994, registrada no livro *Mãos à Obra*, de “garantir que as terras indígenas sejam integralmente demarcadas”. Das 556 áreas indígenas reconhecidas pela Funai, estão demarcadas, homologadas e registradas 315.

INVESTIMENTOS

Na área de política externa, o destaque foi o aumento dos investimentos estrangeiros no país. Nos três primeiros anos do governo Fernando Henrique, foram US\$ 30,8 bilhões — muito superior aos cerca de US\$ 5,2 bilhões que entraram no país entre 1991 e 1994.

Embora muitas empresas nacionais não tenham resistido à abertura — fecharam as portas ou foram vendidas a multinacionais — o documento que ele divulgou reforça a política de FHC, ao afirmar que os investimentos estrangeiros “aumentam a geração de empregos e a competitividade do Brasil no mercado internacional”.

Segundo o texto, a “solidez da po-

lítica econômica” resultou no aumento do poder de fogo da diplomacia brasileira no exterior, mas admite que os principais contenciosos comerciais com os Estados Unidos — as barreiras tarifárias enfrentadas por produtos brasileiros como aço ou suco de laranja — continuam sem solução, apesar dos avanços diplomáticos.

A consolidação do Mercosul também mereceu destaque como a “nova qualidade” no relacionamento com os Estados Unidos e a forte atuação do Brasil ao fazer valer suas propostas de pôr a Área de Livre Comércio das Américas em funcionamento apenas a partir de 2005 — apesar das pressões norte-americanas por uma abertura comercial rápida.

Na área da administração pública, a promessa é dar continuidade às mudanças iniciadas com a reforma administrativa aprovada este ano. A idéia anunciada nesses quatro anos foi a de acabar com a burocracia, a centralização das decisões. O caminho sugerido é o da parcimônia na intervenção do Estado na economia, o fortalecimento das políticas públicas e a resolução da crise financeira.